

ENTREVISTA COM

## ANAÍZA VERGOLINO E SILVA



*Alessandro Ricardo Campos<sup>1</sup>*

Anaíza Vergolino e Silva, que empresta seu nome para nossa seção de Ensaios Fotográficos da Revista Visagem, é a minha ilustre entrevistada desta edição. Sua importância para a

antropologia na UFPA e na Amazônia vai muito além de citações em obras e quadros pendurados em paredes. Ela não apenas levou o Terreiro e o Povo de Santo para a academia, mas a academia para dentro dos Terreiros durante suas incontáveis pesquisas, que inauguraram a temática na região, ainda nos anos de 1960. Ao lado de Arthur Napoleão Figueiredo, que a iniciou em sua brilhante carreira, trilhou um caminho importante e basilar, em uma época em que a Antropologia era apenas um esboço, um projeto na Universidade Federal do Pará.

Ela é graduada em História (UFPA). Foi bolsista de Arthur Napoleão Figueiredo, seu grande amigo e incentivador para o campo antropológico e com quem desenvolveu vários projetos e pesquisas, inclusive a formação da Reserva Técnica do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo: um imenso

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia/UFPA, Mestre pelo mesmo Programa, especialista e graduado em Ciências Sociais também pela Universidade Federal do Pará. Atua como servidor público estadual, Professor Classe II, e discente externo da UFPA. É membro do Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem Visagem, que é atrelado ao PPGSA/UFPA, também faz parte da Equipe Editorial da Revista Eletrônica Visagem. Contatos [ricardocamps@yahoo.com.br](mailto:ricardocamps@yahoo.com.br)

acervo com centenas de artefatos da cultura material das religiões de matriz africana na cidade, além da cultura indígena de várias etnias e da vida interiorana. Juntos também acumularam um fabuloso acervo fotográfico.

É mestre em antropologia, sob orientação de Peter Fry, pela UNICAMP. Professora aposentada, mas nunca parada, pela UFPA. Está sempre cercada de alunos e amigos, nunca nega orientação e uma boa conversa recheada de palavras doces e sábias. Possui uma vasta obra e coleciona títulos e honrarias. Atualmente é a presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Pará. Acaba de lançar um livro, a partir de sua dissertação de mestrado, “Tambor das Flores”.

Esta entrevista trata de curiosidades minhas - mas acredito que outros tantos também gostariam de ter feito estas perguntas - acerca de suas experiências com a fotografia, inserção da câmera em campo e suas produções visuais lá... lá no início do que chamamos de antropologia na Amazônia. No final, temos quatro fotografias cedidas gentilmente pela Professora Anaíza Vergolino, do seu riquíssimo acervo.

**Alessandro Campos** - Professora Anaíza, seu acervo fotográfico - que eu tive a honra de conhecer uma parte durante minha dissertação de mestrado - é fascinante e, de certa forma, conta a história da pesquisa antropológica na UFPA. Quando e como a senhora começa a utilizar a câmera fotográfica em suas pesquisas ao lado de Arthur Napoleão Figueiredo?

**Anaíza Vergolino** – já em 1966, quando me tornei Professora Auxiliar de Ensino e quando o projeto “Batuques de Belém” apresentado pela cadeira de Etnologia e Etnografia do Brasil sobre a regência do Professor Napoleão Figueiredo, foi aprovado pela Congregação da Faculdade de Filosofia, ciências e letras e demais instâncias da UFPA e teve parte da carga horária semanal do

Regime de Tempo Integral e Dedicção Exclusiva tanto do professor titular quanto da sua auxiliar alocada para a pesquisa.

**Alessandro Campos** - Muito diferente do que é hoje, nos anos de 1960, os equipamentos fotográficos (câmeras, lentes, revelação...) eram de difícil acesso e exigiam uma maior complexidade em sua utilização. Como foram conseguidos os equipamentos que vocês usavam (onde compraram? Fizeram curso para usar?), como a famosa Rolleiflex que está na Reserva Técnica da UFPA?

**Anza Vergolino** - Quando ainda era aluna em 1965, na fase de bolsista, eu me recordo que ele já possuía equipamento fotográfico, mas não sei precisar se já era a “famosa Rolleiflex”. Napoleão Naquele tempo era do Museu Goeldi e l ele já trabalhava com esse tipo de equipamento. Lembro que na época ele havia retornado do trabalho de campo entre os ndios Aramagoto do Rio Paru de Oeste região da Serra do Tumucumaque, onde ele esteve com Protásio Frikel, um missionário católico na região e também pertencente à divisão de Antropologia do Museu Goeldi. Veja que seu trabalho “A festa dos coletores entre os Aramagoto” publicado como um boletim de antropologia do Museu Goeldi no ano de 1964, já vem trazendo fotos de sua autoria. Agora se ele fez um curso de fotografia no Goeldi ou em outro lugar não sei dizer, mas na universidade nunca houve nenhum curso que eu tenha frequentado. Que eu tenho certeza para afirmar é que, quando as pesquisas da cadeira de Etnologia de fato começaram, Napoleão que era também diretor da faculdade, conseguiu que a Universidade adquirisse equipamento fotográfico para ser usado nas pesquisas, porém não lembro se a famosa Rolleiflex fez parte desta compra. Lembro apenas de uma binocular muito potente que resgatava imagens a grande distância. Napoleão tinha muito orgulho de seu equipamento de pesquisa que compreendia também a parte para gravação e também muito zelo com relação à sua manutenção tanto  que logo foi comprado na firma “Vitor C Portela”, que era uma das mais completas no ramo de móveis de escritório,

armário de aço com porta de vidro em que ele guardava as máquinas e lentes mais sensíveis de longe da umidade.

Napoleão tinha o perfil do professor universitário que estava longe de ser um mestre da oratória; seu perfil era de pesquisador e na Universidade do Pará fez tanto fez Ciência quanto abrir os caminhos para a ciência. Digo isso porque acompanhei de perto seu empenho enquanto diretor, para criar um ambiente científico na faculdade. Eu me recordo dele acompanhado diariamente a construção e montagem mínima, no precário barracão de aulas da Faculdade de Filosofia, de um espaço para servir de laboratório para nascente área de genética que surgia na UFPA de graça o trabalho pioneiro de outro homem de ciências - o médico Manoel Ayres - então professor. Se não me falha a memória, da cadeira de Biologia da educação que fazia parte da grade curricular do curso de Pedagogia e das classes de licenciatura; lembrando que antes da criação dos Centros, hoje em institutos, a pedagogia era um dos cursos pertencentes à faculdade de Filosofia que então funcionava na Avenida Generalíssimo Deodoro entre Antônio Barreto e Diogo Mória onde atualmente funciona a sede do APAE Pará.

**Alessandro Campos** - Ainda hoje, mas em menor escala, a utilização da câmera (fotográfica ou filmadora) ainda é negociada e, de certa forma, estranhada durante as pesquisas de campo. Como funcionava sua utilização em suas pesquisas?

**Anaíza Vergolino** - A utilização da câmera, sobretudo a fotografia na prática daquela nascente antropologia fez parte de um longo processo de contato de Campo que gradativamente foi alicerçando a confiança mútua entre pesquisador e pesquisado. E a confiança aconteceu à proporção que os terreiros foram compreendendo, o seu modo, que o projeto “Batuques de Belém” tinha como objetivo dizer que em Belém existia uma tradição cultural negra e que

aquilo que se praticava nas terreiros era sim uma religião que procedia dessa tradição. Fazer palestras na rede pública e particular de ensino; realizar pequenas exposições nascente acervo; levar os alunos visitantes até os setores da CNBB para conhecer os terreiros e Searas, fazia parte de uma proposta de “falar bem” sobre os terreiros. De modo que, o registro com a câmera fotográfica ou com gravação nunca problema, muito pelo contrário, fazia parte do prestígio que o “doutor” e a “gente da universidade” destinavam aos terreiros. Eu falo sobre isso no capítulo 1 do Livro “O tambor das flores”, mas acrescento que na época pesou muito fato de termos sido pesquisadores que carregavam nas costas o peso de sua de uma instituição como a UFPA.

**Alessandro Campos** - O que pretendiam fazer com as imagens capturadas? (acervo, pesquisa, exposição...)

**Anaíza Vergolino** - Acho que o professor Napoleão deixou essa resposta bem clara no seu artigo “As coleções etnográficas da Universidade Federal do Pará”, publicado na revista do Instituto Histórico e geográfico de Alagoas ano de 1981 em que ele colocava a fotografia como uma parte complementar e necessária de um registro documental da vida material e não material dos grupos humanos estudados. O pesquisador deveria documentar exaustivamente a cultura estudada e a fotografia era imprescindível nesta documentação. Em outras palavras um trabalho sem fotografias era um registro incompleto e limitado. Com relação às imagens elas eram pensadas como objetivo de formação de um acervo com três finalidades: uso didático (ilustração de aulas e palestras); uso científico (permuta entre pesquisadores de diferentes instituições); uso em divulgação (exposições abertas no âmbito da Universidade e ao grande público). Se bem observarmos essas três finalidades já correspondiam as três áreas - ENSINO / PESQUISA / EXTENSÃO - que posteriormente seria implantada as áreas acadêmicas das três atuais Pro-reitorias. Quer dizer então que o “fazer antropológico” daquela extinta Cátedra

se antecipava as novas diretrizes que vieram com a reforma Universitária. E hoje, fazendo uma avaliação retrospectiva é impressionante constatar a importância que esse longo trabalho de recolher, guardar, documentar com imagens tiveram aos olhos da comunidade religiosa. Em Maio de 1996 por ocasião do trigésimo aniversário do ritual do Tambor das Flores informativo “O Minagê” da Federação Umbandista louvava o trabalho do antropólogo ao dizer que ele através de seu registro “eterniza o perecível”. Uma referência às ações, objetos e imagens de médiuns, líderes que se foram deixando lembranças e saudades, mas que ficaram nas imagens capturadas pela lente do pesquisador.

**Alessandro Campos** - Vocês dois conheciam algum(a) autor(a) que tratavam da utilização das imagens na pesquisa... do que hoje chamamos de Antropologia Visual?

**Anaíza Vergolino** - Que eu me lembre, não. A utilização da fotografia era imprescindível na Antropologia Histórico-Cultural que se praticava na UFPA na época. Junto com a pesquisa de campo, ela era um instrumento que ajudava a se coletar e documentar o máximo de informações, como disse antes, sobre o grupo estudado. Como área específica, a Antropologia visual é posterior a essa antropologia do final dos anos 60 e desenvolvida na UFPA.

Belém, 26 de junho de 2016.



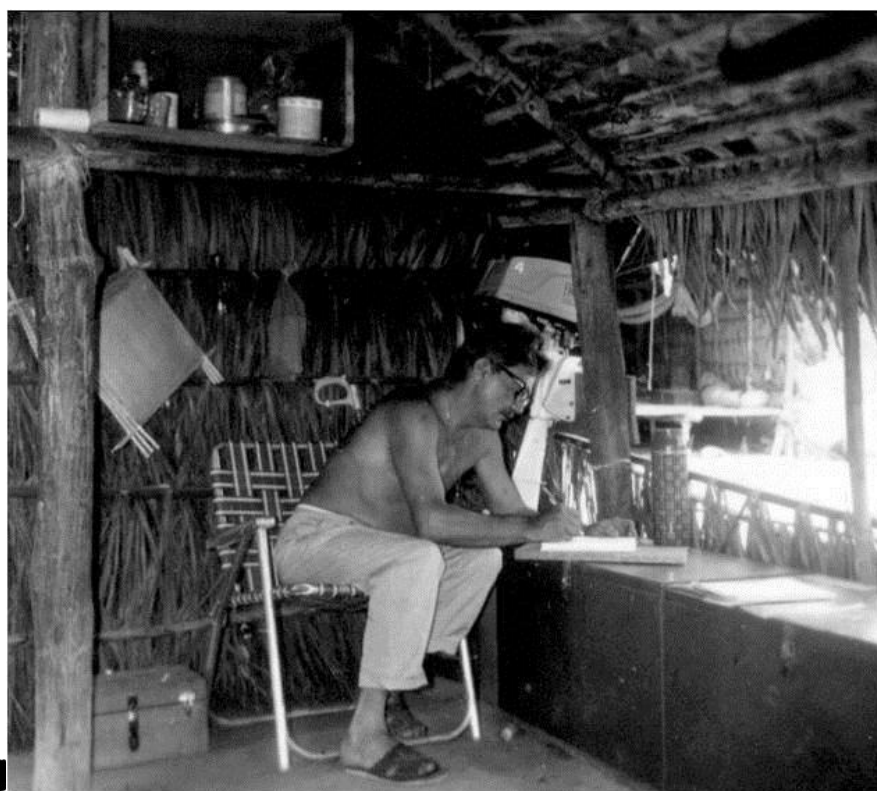
Fachada do Extinto "Terreiro Fé em Deus" de Manoel Colaço Veras no Ano de 1973 já como Sede Social da FEUCABEP, na Então Rua Itororó, 697 (Bairro da Pedreira), e Antes de sua Reconstrução e reinauguração em 1978. Sentados: Professora Anáiza, Antônio Gomes da Cruz e Astianax Barreiros. Ano: 1973.



Professora Anaíza na Sala da Reserva Técnica, FAFI, Ano 1968.



Menino Anembé, fotografado por Arthur Napoleão Figueiredo.



**vis**

Prof. Arthur Napoleão Figueiredo fazendo suas anotações em uma de suas *incursões* a campo. Anos de 1960.